

A educação para sociedades sustentáveis

Luiz Síveres, Giuliano Reis & Angela Arndt

Resumo:

O conjunto das reflexões apresentadas sobre a educação para sociedades sustentáveis têm por objetivo perceber a fragilidade e a complexidade da humanidade, bem como, entender os processos desafiadores da educação em sociedades humanas, principalmente quando pactuam com a exploração ecológica e a insensibilidade social. Porém, como parte de um projeto para a construção de sociedades mais sustentáveis – seja do ponto de vista humano, ecológico, econômico e ecumênico – pautamos nosso argumento numa trilogia integradora que articula as esferas do privado (Oikos), do privado-público (Ágora) e do público (Ekklesia). Com isso, desejamos repensar a importância da dimensão ética, da dinâmica solidária e da disposição espiritual, princípios considerados transversais da existência humana e dos processos desencadeadores, de uma nova Paideia para o terceiro milênio.

Palavras-chave:

educação; sociedade; sustentabilidade.

Education for sustainable societies

Abstract: The set of reflections presented on education for sustainable societies aim to understand the fragility and complexity of humanity, as well as to understand the challenging processes of education in human societies, especially when they agree with ecological exploration and social insensitivity. However, as part of a project to build more sustainable societies - whether from a human, ecological, economic and ecumenical point of view - we base our argument on an integrating trilogy that articulates the spheres of the private (*Oikos*), the private-public (*Ágora*) and the public (*Ekklesia*). With this, we wish to rethink the importance of the ethical dimension, of the solidarity dynamics and of the spiritual disposition, principles considered transversal of the human existence and the triggering processes, of a new *Paideia* for the third millennium.

Keywords: education; society; sustainability.

Éducation pour des sociétés durables

Résumé: L'ensemble des réflexions présentées sur l'éducation pour des sociétés durables vise à comprendre la fragilité et la complexité de l'humanité, ainsi qu'à comprendre les processus difficiles de l'éducation dans les sociétés humaines, en particulier lorsqu'ils sont en accord avec l'exploration écologique et l'insensibilité sociale. Cependant, dans le cadre d'un projet de construction de sociétés plus durables - que ce soit d'un point de vue humain, écologique, économique et œcuménique - nous fondons notre argumentation sur une trilogie intégratrice qui articule les sphères du privé (*Oikos*), du privé-public (*Agora*) et du public (*Ekklesia*). Ainsi, nous voulons repenser l'importance de la dimension éthique, les dynamiques de la solidarité et de la disposition spirituelle, principes considérés comme transversaux à l'existence humaine et aux processus déclencheurs d'une nouvelle *Paideia* pour le troisième millénaire.

Mots clés: éducation; société; durabilité.

Educación para sociedades sostenibles

Resumen: El conjunto de reflexiones que se presentan sobre la educación para sociedades sostenibles tiene como objetivo comprender la fragilidad y complejidad de la humanidad, así como comprender los desafiantes procesos de educación en las sociedades humanas, especialmente cuando coinciden con la exploración ecológica y la insensibilidad social. Sin embargo, como parte de un proyecto para construir sociedades más sostenibles, ya sea desde un punto de vista humano, ecológico, económico y ecuménico, basamos nuestro argumento en una trilogía integradora que articula las esferas de lo privado (*Oikos*), lo privado-público (*Agora*) y el público (*Ekklesia*). Con esto queremos repensar la importancia de la dimensión ética, la dinámica de la solidaridad y disposición espiritual, principios considerados transversales a la existencia humana y los procesos desencadenantes, de una nueva *Paideia* para el tercer milenio.

Palabras clave: educación; sociedad; sustentabilidad.

Introdução

O propósito do presente capítulo é contribuir com o dossiê: *O futuro da educação - aprender solidariamente*. O conjunto das reflexões apresentadas têm por objetivo levar o leitor a promover processos educativos que possam colaborar com o Terceiro Relatório Mundial da Educação - Unesco, no qual se espera que sejam contempladas as realidades complexas e perplexas da humanidade, aprofundadas reflexões sobre os efeitos de distintas pedagogias e metodologias educacionais, nas sociedades humanas e não-humanas, bem como, sugerir formas inovadoras para a continuidade da vida no planeta.

Neste texto damos continuidade à reflexão do Primeiro Relatório, coordenado por Edgar Faure, na década de 1970, no qual se buscou reconhecer a importância do aprender a ser na dinâmica educativa. O Segundo Relatório, coordenado por Jacques Delors, nos anos de 1990, buscou estabelecer os pilares da educação em vista de um tesouro a descobrir. Agora, após vários anos, o Terceiro Relatório deseja se constituir num portador de esperança para os projetos e as políticas educacionais de todas as nações, tendo em vista as décadas vindouras.

A temática sobre a educação e sustentabilidade está em sintonia com a concepção da Unesco de vincular o processo educativo à uma filosofia que seja capaz de potencializar a formação humana e solidária, acompanhada de processos pedagógicos que contemplem a aprendizagem ao longo da vida e que integrem a ética, a responsabilidade e a solidariedade ao desenvolvimento econômico, social e cultural.

Para contribuir com esse projeto, apresentamos inicialmente alguns indicadores que revelam a insustentabilidade da humanidade e do planeta; na sequência, fazemos uma reflexão conceitual sobre as sociedades sustentáveis; e, por fim, sugerimos um processo educativo voltado para a formação de sociedades sustentáveis.

Tais aspectos desejam constituir um pressuposto pedagógico para a formulação das diretrizes de uma *Paideia*, pautada em princípios éticos, em processos dialógicos e em projetos sustentáveis. É chegado, portanto, o momento para se propor uma cultura humana impregnada de princípios e valores que possam iluminar o caminho da humanidade, dentro de uma perspectiva de solidariedade entre os seres humanos e o meio ambiente.

1. Percepção da insustentabilidade social e ecológica

Quando cresce em mim o desespero pelo mundo e acordo,
ao mínimo som, no meio da noite,
com medo do que pode ser da minha vida e da vida de meus filhos,
vou e me deito onde, em sua beleza,
o pato selvagem repousa na água, e a garça se alimenta.
Eu entro na paz das coisas selvagens
que não taxam suas vidas com preocupação e tristeza.
Eu busco a presença da água calma.
E sinto acima de mim as estrelas ofuscadas
pelo dia esperando com sua luz.
Por um tempo, descanso na graça do mundo e sou livre.

(A paz das coisas selvagens, Wendell Berry)

O poeta começa seu poema falando de si mesmo, daquilo que ele faz quando é tomado pelo desespero de suas preocupações pelo mundo. Ele também teme pelo futuro de seus filhos. Um amanhã incerto diante dos atuais quadros de guerras, hiperconsumismo, crise econômica, pobreza e injustiça social e ecológica. Afinal de contas, se já não vivemos assim hoje, por que acreditar que o amanhã será diferente? Tal questionamento é fundamentado por Sagoff ao afirmar que, “com o aumento da população e expansão da economia, os recursos naturais devem ser consumidos; os preços aumentarão e a humanidade – especialmente os pobres e as gerações futuras de todos os níveis econômicos – irão sofrer” (1997, p. 80).

Além dessa constatação, o poeta prossegue com sua reflexão e diz encontrar paz na observância das «coisas selvagens». Nisso, percebe-se uma inegável proximidade entre a tranquilidade, à qual Wendell Berry diz achar na contemplação da natureza, com aquela mesma consolação sobre a qual, séculos antes, o evangelista Mateus escreveu no seu capítulo 6: “Olhai para as aves do céu... Olhai para os lírios do campo... Não andeis, pois, inquietos...”. Além do sentido místico, que pode ser atribuído aos dois textos, eles também apontam para o meio ambiente como uma fonte de esperança para as turbulências da breve existência humana.

Assim sendo, a relação simbiótica entre homem-natureza nos dá pistas a respeito das nossas sociedades. Isto é, a maneira como as pessoas se percebem em relação à natureza, como parte de uma rede viva de interações, tem muito a dizer sobre nós

mesmos, enquanto seres sociais. Por exemplo, tanto no poema como no texto bíblico, a origem dos desassossegos que acometem os autores está no próprio homem que – ao contrário dos outros animais, da «água calma» e das estrelas – «taxam suas vidas com preocupações e tristeza». Portanto, somos nós os causadores dos nossos problemas e, assim, cabe somente a nós tornarmos-nos a solução para nossas aflições sociais e ambientais.

Os cientistas afirmam que estamos entrando em uma nova época geológica denominada de Antropoceno, que é caracterizada por rápidas transformações induzidas pelo homem e que são destrutivas para as sociedades e os sistemas ecológicos naturais (Lewis & Maslin, 2015). Prova disso está no uso de produtos químicos para matar insetos e plantas indesejáveis, os quais tem por objetivo atender a demanda por mais alimentos a menor custo. Entretanto, a utilização indiscriminada destes produtos tem intensificado a pobreza, a insegurança alimentar e os problemas de saúde em várias partes do mundo (Van Der Sluijs & Vaage, 2016). Além dessa realidade, outros exemplos sócio-ecológicos de nosso tempo incluem: as mudanças climáticas, acidificação dos oceanos, desertificação, exacerbação da desigualdade, aumento do número de refugiados ambientais e econômicos.

As consequências de nossas ações no planeta, por mais estranho que pareçam, na verdade refletem a grande fragilidade de nossa espécie (Lysgaard, Bengtsson & Laugesen, 2019); isto é, reproduzem a efemeridade de nossas sociedades e de seus indivíduos. Ao contrário do que gostaríamos de acreditar, não temos controle total sobre nossa existência porque, de fato, “nos tornamos tão bem-sucedidos em controlar a natureza, que perdemos nossa conexão com ela” (Al Gore, 1992, p. 225). A supremacia humana sobre o universo é um mito (Jensen, 2016) – e a negação desta realidade nos torna cegos para os seus efeitos em nossas vidas porque, ao destruirmos a natureza, estamos destruindo a nós mesmos!

E nossos modelos educacionais, principalmente aqueles vivenciados nas escolas, acabam por incorporar esta «cegueira» quando ensinam um currículo «seco» voltado para a regurgitação e memorização de conteúdos que pouco (ou nada) tem a ver com a vida. Assim, a desconexão – para não dizer o abismo – entre nós e os outros, sejam eles humanos ou não, aumenta exponencialmente. Perdemos de vista a percepção do nosso lugar na “teia da vida” (Capra, 1996) e damos continuidade aos nossos planos de fazer valer o investimento financeiro na nossa escolarização para, quem sabe um dia, possamos ostentar o nosso sucesso para o mundo. Deste modo, surgem os narcisistas, alimentados por uma ilusão de que são o centro de sua existência e, nesta perspectiva, o Outro tem pouco valor.

Talvez sem perceber, ao não questionarmos o valor da escola e do saber para uma vida mais justa para todos, reforçamos a insustentabilidade ecológica e social nos projetos educacionais. Criamos, assim, um ciclo vicioso entre modelos educacionais

ultrapassados e uma lógica que serve para favorecer alguns poucos «predestinados» em nossas sociedades. Diante disso, surge a necessidade de reaprender como podemos ser um com o planeta, guiados por uma pedagogia de responsabilidade que fomenta a gratuidade, humildade, fé, bondade e paciência (Martusewics, 2019). Isto é, devemos desafiar a lógica de dominação que permeia as nossas interações com tudo e com todos (Reis & Scott, 2018), para inaugurar experiências que favoreçam sociedades mais sustentáveis.

2. Proposição de Sociedades Sustentáveis

Na continuidade da nossa percepção é possível afirmar, ainda, que a sociedade contemporânea é a colheita de uma sementeira que foi sendo realizada no decorrer do último século da história moderna. Porém, sem retroceder por muitas décadas, é necessário lançar um olhar sobre os escombros e destroços da segunda guerra mundial, terreno cinzento no qual brotou o desejo para reconstruir um novo projeto civilizatório. No entanto, nas décadas posteriores, apesar dos brotos que foram crescendo e apontarem para muitos aspectos positivos, evidenciou-se, também, o fortalecimento de um pensamento instrumental e artificial, um processo privatista e produtivista das ciências, e uma legitimação da pós-verdade, que se apresenta pela segmentação da ética, pela unilateralidade da justiça, e pela fragilidade da dignidade humana, tendências expressivas da conduta cultural contemporânea.

Na perspectiva dessa forma de gerar e desenvolver os conhecimentos, os mesmos também são o suporte de projetos econômicos que foram sendo organizados, majoritariamente, com o objetivo de privilegiar processos e instituições acumuladoras de capitais, promovendo índices elevados de desigualdade social. E no cumprimento desse projeto, os sistemas políticos foram, também, fortalecidos com a finalidade de legitimar tal modelo, legislando para favorecer, de modo geral, grupos e organizações que se aproveitam, cada vez mais, dos benefícios do Estado e na exploração do meio ambiente. Apesar da significativa contribuição da economia e da política, o reducionismo para um processo acumulativo e um procedimento corruptivo, expressa a necessidade de compreender tais aspectos sob a ótica da sustentabilidade.

Essa modelagem social floresceu, em parte, porque o projeto civilizacional foi se adequando àquilo que Lipovetsky (2005) denominou, de “era do vazio”, na qual prevalece o vazio existencial em decorrência do acúmulo material; bem como, para o fenômeno identificado por Horkheimer (2015), como a “eclipse da razão”, porque o pensamento humano foi reduzido, em grande parte, a um conhecimento instrumental e tecnológico; ou, para aquilo que Weber (2004) define como “jaula de ferro”, isto é, os procedimentos da sociedade foram, majoritariamente, burocratizados. Tais analogias revelam, de forma aproximada, as tendências sociais pautadas num círculo vicioso

entre a produção e consumo de bens e serviços; no encapsulamento das pessoas e no enjaulamento dos sistemas sociais; bem como, no fortalecimento de um pensamento reducionista e na ruptura de uma racionalidade mais transversal e holística.

2.1 Percepção de sociedade

A percepção dessa realidade, dentre outras características, começa a exigir um outro paradigma civilizacional. Porém, para compreender e propor uma alternativa que poderia ser mais sustentável, segundo Castoriadis (2006), é preciso lançar um olhar para três esferas que englobam a dinâmica social e, portanto, são considerados dinamismos constituintes de uma sociedade, que poderíamos definir como saudável, sustentável e solidária. Tais esferas são denominadas, pelo autor, com base na terminologia grega, de *Oikos* (casa), *Ágora* (praça) e *Ekklesia* (assembleia), que expressam, por um lado, a respectiva singularidade e, por outro, a sua complexidade, formando um projeto complementar, integrador e transversal.

A vida em sociedade estaria contemplada, sob essa ótica, de acordo com Castoriadis (2006), pela esfera privada (*Oikos*), para reconhecer a importância da vivência e convivência pessoal; pelo ambiente público-privado (*Ágora*), considerado o lugar do encontro e das transações comerciais; e pela configuração pública (*Ekklesia*), proclamada como o espaço da coletividade e da assembleia. Depreende-se, portanto, dessa configuração, uma dinâmica integradora entre as distintas esferas e um dinamismo interativo entre a afetividade, a efetividade e a eficácia, correspondentes. Dentre diversas opções, porém, a proposição de uma sociedade sustentável, tendo como pressuposto essa dinâmica tridimensional, estaria assentada sobre tais fundamentos.

Assim, a esfera da *Oikos*, considerada um lugar privilegiado dessa sociedade sustentável, poderia ser compreendida por distintas abordagens, mas para o cumprimento de uma reflexão que fundamente a arquitetura de uma casa, seja pela configuração de sua estrutura residencial, ou pela criação de um ambiente ideal para vivenciar as relações pessoais e sociais, estaria sendo, fortemente recomendado. No constructo dessa experiência, poder-se-ia sugerir o exercício da autonomia, pela qual o ser humano vai se constituindo como sujeito de sua história; porém, sempre em relação com os outros, por meio da convivência no cotidiano ou na diversidade de distintas situações culturais; ou pelo exercício do cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta, caracterizando, assim, a figura da casa pessoal, social e natural.

A esfera da *Ágora*, compreendida pela espacialidade do encontro entre o privado-público, foi o ambiente privilegiado para caracterizar o encontro do mestre e dos discípulos, dos peregrinos e transeuntes, dos cidadãos e dos estrangeiros. Isso revela que distintas expressões pessoais e sociais podem ser exercitadas na praça, mas para contribuir com o propósito de se projetar uma cidade sustentável é recomendado que, nesses encontros, pudesse ser exercitada a emancipação da cidadania para cooperar

com o exercício correspondente à uma sociedade sustentável; despertar e qualificar a responsabilidade pelas relações que são singulares, mas, especialmente, para com os aparelhos públicos que são comuns a todos; e, pela colaboração partilhada para formar pessoas conscientes e cidadãos comprometidos com o bem estar da comunidade.

A esfera da *Ekklesia*, considerada a estrutura básica das relações públicas, deseja, por meio da assembleia, promover o bem comum de todos os cidadãos. As formas coletivas de participação foram sendo configuradas, nos últimos decênios, tendo como referência sistemas monocráticos, democráticos ou socialistas. Tais regimes, mais do que reveladores de uma forma de poder, deveriam ser a expressão de potencialidades que pudessem conduzir as comunidades humanas para experiências éticas, seja como virtude ou como caráter; para a vivência da justiça como um princípio de equidade e igualdade; bem como, para projetos que pudessem sinalizar para horizontes de utopia e esperança.

A percepção da sociedade, tendo como referência essas três óticas, poderia colaborar com um projeto de sociedade na qual o pressuposto da sustentabilidade pudessem se qualificar pela disposição pessoal, pela dinâmica social e pelo cuidado ambiental. Por isso que, na articulação com as esferas acima descritas, poder-se-ia vincular o conceito de sustentabilidade, que conforme Boff (2012, p. 16), “é um modo de ser e de viver que exige alinhar as práticas humanas às potencialidades limitadas de cada bioma e às necessidades das presentes e futuras gerações”. Esse argumento propõe, portanto, a necessidade de integrar o jeito de ser, a maneira de pensar e o modo de agir das pessoas e sociedades, tendo presente a sustentabilidade pessoal (*Oikos*), comunitária (*Ágora*) e social (*Ekklesia*), fazendo referência à realidade atual, mas principalmente, para a prática da responsabilidade com as futuras gerações.

2.2 Reflexão de sustentabilidade

Refletir sobre o conceito e a prática da sustentabilidade, numa conjuntura demarcada pela predominância da opinião em detrimento da argumentação, numa realidade explicitada pela justificativa em razão dos seus fundamentos, ou num contexto do conhecimento uniforme em prejuízo da diversidade de pensamentos, torna-se um desafio a ser enfrentado, de modo muito particular, porque Nietzsche (2012, p. 56) já afirmava que “os homens bons de cada época são os que cavam fundo nos velhos pensamentos e os fazem dar frutos, os lavradores do espírito”. Portanto, compreender a sustentabilidade, na referência à sua profundidade, no limiar deste século, exige uma epistemologia que possa revelar as potencialidades humanas, com a ajuda dos lavradores do espírito, para desenvolver uma cidadania planetária.

A cidadania planetária, segundo Gadotti (2008, p. 32) “implica entender a interdependência, a interconexão, a luta comum para todas as formas de vida em nossa casa.

A cidadania planetária implica aprender a trabalhar em redes de forma intersetorial e compartilhada”. Por essa razão, distintos caminhos poderiam ser trilhados para que o espírito possa responder às dinâmicas de uma sociedade sustentável e, para aprofundar essa reflexão, é oportuno recomendar um procedimento pautado na integração dos conceitos, na articulação de conhecimentos e na transversalidade de saberes.

Na integração dos conceitos sobre a sustentabilidade, diversas abordagens foram ensaiadas, a exemplo de Enrique Leff (2001), que propunha uma referência à integração das ecosofias, da ecologia social e do ecodesenvolvimento. O autor, tendo como pressuposto essa perspectiva, argumenta sobre o potencial do princípio da sustentabilidade que seria, por sua vez, uma resposta “à fratura da razão modernizadora e como uma condição para construir uma nova racionalidade produtiva, fundada no potencial ecológico e em novos sentidos de civilização a partir da diversidade cultural do gênero humano” (Leff, 2001, p. 31). A opção por essa percepção mais ecológica, tem como fundamento o desenvolvimento sustentável, que pretende superar, em parte, o conceito de capitalizar a natureza ou de ecologizar a economia.

Na articulação dos conhecimentos, distintas ciências poderiam contribuir para fundamentar um projeto de sustentabilidade. Porém, nesse contexto, está se optando por uma associação tridimensional que articula, conforme Síveres (2010), uma dinâmica integradora entre o conceito básico dessa casa (*Oikos*), para indicar a relevância de que a habitação planetária precisa integrar a dimensão natural, social e cultural, respectivamente. E em consequência desse embasamento, é necessário conhecer e reconhecer a casa (*oikos+logos*), normatizar e organizar a casa (*oikos+nomos*), sentir e cuidar da casa (*oikos+pathos*). A sincronicidade desses conhecimentos, que partem do mesmo enraizamento, poderia projetar uma energia capaz de recriar o ambiente, socializar a economia e apaixonar-se pela vida, em todas as suas dimensões e em todos as suas esferas.

A transversalidade dos saberes, no contexto da sustentabilidade, é um desafio ainda maior para a conjuntura atual, considerando a diversidade de tecnologias e a multiplicidade de metodologias, aspectos essenciais para potencializar os conhecimentos e para exercitar a sabedoria. Porém, na continuidade dos aportes anteriores, também aqui será sugerida uma dinâmica tridimensional destacando-se, dentre tantas possibilidades, a valorização dos saberes ancestrais, a disposição para dialogar com a diversidade dos conhecimentos científicos, bem como, a necessidade de recuperar e propor a sabedoria simbólica. A dinâmica transversal estaria pautada, assim, na articulação entre os saberes históricos, as ciências contemporâneas e os conhecimentos simbólicos, que apontam sempre para novas possibilidades, porque abrem horizontes para a compreensão de novos conceitos e de práticas inovadoras, configurando projetos de vida sustentável

2.3 Projeto de vida sustentável

Considerando a percepção da realidade e a reflexão sobre a sustentabilidade, propõe-se agora indicar alguns pressupostos que poderiam sustentar um projeto de vida sustentável. É oportuno reconhecer, portanto, que as experiências têm revelado e as ciências têm demonstrado que, dentre inúmeras possibilidades, são recorrentes a opção e a proposição da solidariedade, da responsabilidade e da espiritualidade.

Na compreensão de que os seres humanos estão cada vez mais encapsulados, seja em torno de si mesmo, dentro de seus agrupamentos ideológicos, ou no interior dos sistemas corporativos, é recomendado retomar a dimensão da solidariedade que, para Boff (2012), seria a base de sustentação de todas as sociedades humanas. A categoria da solidariedade poderia potencializar, dessa forma, a passagem da simples competição para a incorporação de processos mais cooperativos; da maximização dos lucros de forma acumulativa para a partilha dos bens; ou na busca incansável do bem-estar para a disposição em contribuir com o bem viver de todos.

A proposição de um projeto de vida sustentável, além da solidariedade, precisaria incorporar a dimensão da responsabilidade. Isto é, todos são responsáveis por todos e por tudo e, para corroborar com tal posicionamento, pode-se retomar o princípio da responsabilidade, proposto por Jonas (2006), no sentido de que, juntamente com o ser, deveria estar integrada à categoria do dever ser, configurando a ética da responsabilidade. Assim, a responsabilidade, como um princípio ético, estaria incorporada na constituição do ser humano e, pelo empenho do seu agir, estaria buscando sempre aquilo que é bom e que lhe faz bem. A responsabilidade, segundo o autor, é plena de significado quando incorpora a vida real ou potencial, mas sobretudo, a vida humana. Nesse sentido, conforme Castoriadis (2006, p. 142), “tudo depende do desejo e da capacidade dos homens e mulheres de mudar sua existência social, de aceitar que são responsáveis por seu destino, de assumir plenamente essa responsabilidade”.

Além da solidariedade e da responsabilidade, estaria se sugerindo a espiritualidade para compor o projeto de uma vida sustentável. Tal proposta se torna ainda mais relevante, na medida em que se percebe que as dinâmicas atuais demonstram muita dificuldade para viver com o diferente e conviver com a diversidade, de romper com as oligarquias patriarcais e pastorais, bem como, de postular o exercício da fé pautado no fanatismo religioso ou na comercialização do sagrado. A espiritualidade seria, justamente, o antídoto deste procedimento e poderia se caracterizar pela maneira de ser espiritual, pela forma de refletir espiritualmente, e pela possibilidade de agir de maneira espiritualista. Isto é, o ser humano, na sua integralidade é um ser espiritual, e ao refletir e agir espiritualmente, estaria despertando uma energia que poderia vitalizar a própria conduta humana, as suas inter-relações, seja com os outros ou com a natureza, mas, de forma privilegiada, com o sagrado.

Portanto, a possibilidade de afirmar algumas categorias de uma sociedade sustentável, tais como a percepção transparente da sociedade, a reflexão sobre a sustentabilidade, e a proposição de um projeto de vida saudável, são alguns atributos que poderiam contribuir com uma sociedade sustentável. Dentre distintas potencialidades, a educação poderia ser, portanto, uma alternativa efetiva para promover sociedades sustentáveis.

3. Proposição Educativa para Sociedades Sustentáveis

No contexto de um projeto educativo é necessário acolher a tendência da humanidade, isto é, perceber se ela deseja continuar esgotando suas energias, seus recursos e suas competências, por meio da produção e do consumo, para o qual o modelo atual se apresenta apropriado; ou optar por um caminho sinalizado pela dignidade humana, pela justiça social ou pela ecologia integral. Na escolha dessa possibilidade, recomenda-se, portanto, multiplicar os percursos da conduta humana e, nesse sentido, a sustentabilidade seria uma proposta subversiva porque inverteria a dinâmica agressiva e acumuladora, promovendo um dinamismo integrador e interativo.

Para contribuir com essa proposta, a educação seria considerada a chave do desenvolvimento sustentável. Tal constatação foi feita por Irina Bokova, Diretora Geral da Unesco, no documento que propõe repensar a educação como um bem comum mundial. Nesse sentido, poderia se concordar com o fato de que não existiria uma força transformadora mais poderosa do que a educação para promover a dignidade humana, erradicar a pobreza e aprofundar a sustentabilidade, tendo em vista um futuro melhor para todos. Sob o argumento de um projeto que contemple a educação, como propulsora da sustentabilidade, emerge, também, uma proposição tridimensional, que considera a dimensão existencial, social e ecológica, respectivamente.

Por essa razão a educação para a construção de sociedades sustentáveis não pode continuar legitimando a extrema desigualdade social e cultural, nem reforçar paradigmas que potencializem a polarização ideológica e religiosa, nem tão pouco, fomentar processos distanciadores ou destruidores do ambiente ecológico. Por isso a educação é convocada, novamente, a retomar processos pedagógicos mais éticos e solidários, fortalecer metodologias mais dialógicas e relacionais, bem como, integrar a diversidade de tecnologias digitais e sociais para promover a dignidade humana, a justiça social e a responsabilidade ambiental.

Tal pressuposto requer a superação de um modelo educacional que esteja embaçado num pensamento único ou num conhecimento dualístico. Para a construção de sociedades sustentáveis, sugere-se, portanto, a vinculação com o «terceiro incluído», que muitas vezes é diverso, distinto e diferente. Esta seria, justamente, a potencialidade

que poderia desenvolver projetos educacionais com um caráter mais tridimensional, transversal e transdisciplinar.

3.1 Educação que envolve o sujeito, os processos e as finalidades

A educação em sociedades sustentáveis precisaria romper com a moldura da racionalidade instrumental que enquadrou a humanidade numa equação matemática e num algoritmo artificial, bem como, retomar os conhecimentos míticos e simbólicos, valorizar os pensamentos filosóficos e teológicos, integrando a diversidade das ciências numa dinâmica transversal e holística. Assim, os sujeitos da educação, os processos pedagógicos, bem como, os espaços educativos, poderiam ser configurados como espaços vivos e, por isso, seriam incubadoras de criação e inovação, propondo um sentido existencial e um significado profissional.

Para compreender a educação como um projeto que envolve os sujeitos, propõe-se o desenvolvimento de competências socioemocionais, de inteligências cordiais e de práticas relacionais. Tais aspectos poderiam colaborar com a percepção de uma ecologia profunda e de uma espiritualidade relacional, revelando a consciência de cada indivíduo num projeto de pertencimento e de conectividade com os outros e, de modo especial, com o universo vivo e permeado de energias espirituais.

Com o objetivo de articular a dinâmica processual, recomenda-se, portanto, pautar os procedimentos educacionais, integrando a dimensão conceitual, experiencial e simbólica. Segundo Gadotti (2008), para educar para um outro mundo possível é preconizado desenvolver uma relação sustentável no contexto de um paradigma holístico, no qual os valores humanos, as competências pedagógicas e as habilidades tecnológicas estejam conectadas.

E com o propósito de atingir metas, mas principalmente finalidades, a educação para a sustentabilidade precisaria incorporar, ao lado do trabalho, o lazer; junto à eficácia, a gratuidade; ao lado da produtividade, a dimensão lúdica. Para isso, é oportuno recomendar a retomada da imaginação e do símbolo, a poesia e a fantasia, o mito e o jogo. Tais aspectos, ao serem tratados de forma complementar, poderiam ser uma energia propulsora para se atingir o sentido existencial e o significado profissional.

3.2 A educação que articula pedagogias, metodologias e tecnologias

No contexto de uma sociedade sustentável, a educação é um processo inerente a todos os procedimentos sociais e um aspecto constituinte dos projetos pedagógicos, metodológicos e tecnológicos e, por isso, ela não pode ser restaurada ou adequada, mas ser, constantemente, inaugurada para ser uma referência na formação das pessoas, de informação de metodologias e tecnologias, e de transformação das estruturas sociais, potencializando projetos realizadores da condição humana e da utopia social.

No cenário de um mundo complexo, a educação deveria ser compreendida como um processo dinâmico que liga, religa e interliga tudo e todos, a uma tessitura sistêmica. Porém, num contexto de perplexidade civilizacional, o projeto educativo poderia ser caracterizado como um procedimento que qualifica a existência humana, despertando para as possibilidades relacionais e sociais.

Por isso que se recomenda a solidariedade, baseado numa postura de responsabilidade pelo planeta e pelas sociedades, buscando integrar a contemplação em detrimento da competição, a compaixão em contraposição ao processo acumulativo e consumidor, bem como, um compromisso com pessoas felizes, com sistemas saudáveis e com um planeta sustentável.

Tal proposta vai exigir, dos programas e das políticas educacionais, uma disposição para cooperar, segundo Freire (1998), com um procedimento mais dialógico. Tal procedimento revela que o diálogo deveria assumir uma característica inerente à condição humana que, por sua vez, vincular-se-ia à diversidade de formas relacionais, seja consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com o transcendente. O diálogo, com base nessas sugestões apresenta-se como uma dimensão inerente à condição humana, numa dinâmica pedagógica e num dinamismo que contribui com o sentido existencial e terrenal.

O diálogo, como uma expressão dialógica, como uma característica dialógica e com uma perspectiva do multiálogo, poderia se configurar como um dinamismo transversal presente na diversidade pedagógica, nas configurações metodológicas e nas aplicações tecnológicas.

3.3 A educação que integra a dimensão corporal, intelectual e espiritual

No panorama de um planeta degradante, a educação para a sustentabilidade poderia ser, também, uma proposta interativa pautada na sabedoria do amor, na justiça social, e numa ética universal. Ao mesmo tempo, seria uma dinâmica integradora do corpo, da alma e do espírito, fomentando um projeto relacional com os outros, com a natureza e com o transcendente.

Essa proposta está ancorada na premissa desenvolvida por Guevara e Dib (2011, p. 28), ao afirmarem que “a educação para a sustentabilidade, assim pensado, pode propiciar meios para a educação pessoal e coletiva, desenvolvendo valores que permitam ao ser humano manifestar suas capacidades, sentimentos e, principalmente, amor a si, ao próximo e ao mundo”. É oportuno reconhecer que a educação para a sustentabilidade, mais do que o preço, acredita em valores; mais do que em produtos, estabelece finalidades; e, mais do que buscar o bem-estar para o presente, indica para o bem viver no futuro.

É com base nesse pressuposto que se poderia retomar a poesia de Pierre Teilhard de Chardin, ao sugerir a reflexão e a prática de uma espiritualidade, no sentido de

compreender que não somos seres humanos passando por uma experiência espiritual, mas somos seres espirituais passando por uma experiência humana. Isto é, somos seres espirituais, que na dimensão da sustentabilidade, estariam revelando a sua condição humana, bem como, suas potencialidades relacionais com os outros, com a natureza e com o transcendente. A dinâmica humana seria, dessa forma, a constituição de um ser espiritual, que reflete espiritualmente, e age movido pelo sopro do espírito (*Ruah*).

Além da espiritualidade ser uma energia instituidora da condição humana, a educação para a sustentabilidade seria, segundo O'Sullivan, uma grande liturgia que acenderia o fogo da alma. Segundo o autor, "a comunidade ecológica recém-nascida precisa de uma mística que proporcione a grande exaltação apropriada à existência de um universo tão estupendo como o nosso e de um planeta tão glorioso quanto este que estamos vivendo" (O'Sullivan, 2004, p. 375). Essa mística seria, portanto, segundo sua terminologia, um processo de abrir os olhos para contemplar o universo e um procedimento de abrir a boca para proclamar o mistério que está presente em cada ser humano, em cada partícula do universo e em cada experiência do sagrado.

A espiritualidade, dentro do contexto de uma educação para a sustentabilidade, poderia ser compreendida, ainda, pela conjugação da dimensão corporal, terrenal e transcendental, aspectos considerados pela sua presença, por sua inter-relação e pelo seu simbolismo. Assim, a espiritualidade seria, segundo Oliveira e Borges (2008), a dança sagrada da deusa-mãe, na qual todas as criaturas estariam participando da festa da vida. Portanto, vivenciar a espiritualidade, tendo como pressuposto o bailado, poderia projetar a educação para a circularidade do encontro da humanidade com a divindade, da dimensão corporal com a terrenal, e da imanência com a transcendência.

Considerações finais

Há um consenso emergente de que milhões de jovens e parte deles são estudantes, possuem o potencial para fortalecer movimentos sociais por maior justiça social e um planeta ecologicamente sustentável. Os jovens podem ser catalisadores de mudanças usando seu poder como alunos, cidadãos e consumidores para criar formas de vida que sejam socialmente mais justas e ecologicamente sustentáveis (Kretser & Griffin, 2020). Ao contrário das gerações anteriores, eles também têm a capacidade de se comunicar amplamente e se mobilizar de forma eficaz por meio de suas redes virtuais em oposição a atitudes e práticas discriminatórias e em apoio a ações e políticas para mudanças socioecológicas progressivas (Kerester, 2013).

A fim de alcançar uma transformação dos nossos modos insustentáveis de pensar e agir atuais, há a necessidade urgente de se desenvolver e expandir formas progressistas de ensino e aprendizagem sócio-científico-ecológicas. Tal reforma deve ser

norteada pelos seguintes pressupostos: (i) análise crítica dos ideais e práticas sociais dominantes que contribuem para a lógica do consumismo extrativista e suas consequências destrutivas, e (ii) proposição de ações que apoiem valores associados a uma vida mais sustentável. Somente então, as mudanças ecológicas atuais e suas ramificações sociais mudarão (Reis et al., 2018).

Vivemos numa sociedade despolitizada, mercantilizada e privatizada e, somente um projeto sustentável poderá proporcionar um novo modelo educativo, tanto quanto, promover um modelo educacional capaz de desenvolver sociedades sustentáveis. Com base nesse desafio, surge a pergunta: O que queremos ser amanhã? Desejamos ser apenas lembrados pelos processos dominadores, pelos procedimentos acumuladores, ou pelos projetos destruidores; ou seremos um sinal de amor a ser interpretado, um significado de solidariedade a ser compreendido, ou um sentido de esperança a ser seguido!

Para corresponder a esse desafio e ancorado na proposta de Castoriadis (2006), recomenda-se uma «ecopedagogia», na qual a *Oikos* (casa) educativa possa se caracterizar pelo seu jeito de acolher, pela sua maneira de cuidar, e pelo seu propósito de se apaixonar pela vida. Além disso, sugere-se uma «ágorapedagogia», pela qual a Ágora (praça) pedagógica possa estar imbuída de valores éticos, de procedimentos técnicos e de configurações estéticas. E, enfim, uma «eclesiopedagogia», na qual a *Ekklesia* (assembleia) educativa pudesse estar vinculada a uma aliança cósmica, a uma cidadania planetária, e a um sonho coletivo do bem viver.

Articular, portanto, uma ecologia que seja profunda e integral, uma economia que seja circular e partilhada, e uma ecopatia, ou paixão pela vida, que seja transversal e transcendental, poderiam se caracterizar como princípios integradores da dignidade da vida, bem como, a coexistência no planeta social e a convivência na comunidade universal poderiam se caracterizar como processos mediadores de uma educação para sociedades sustentáveis.

Nota: A esperança nos anima a prestar uma homenagem à Dra. Angela Barbosa Montenegro Arndt, que participou da construção deste artigo, porém a sua vida terrestre finalizou no dia 04 de dezembro de 2020.

Referências

- Boff, L. (2012). *Sustentabilidade: o que é, o que não é*. Vozes.
- Castoriadis, C. (2006). *Uma sociedade à deriva*. Ideias & Letras.
- Freire, P. (1998). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. (9ªed.). Paz e Terra.
- Gadotti, M. (2008). *Educar para a sustentabilidade*. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire.
- Gore, A. (1992). *Earth in the balance: Ecology and the human spirit*. New York, NY: Plume.

- Guevara, A. J. H; Dib, V. C. (2011). Educação, consciência e sustentabilidade. In Guevara, A. J. H et al. *Educação para a era da sustentabilidade: abrindo caminhos, promovendo valores por um mundo melhor*. Saint Paul.
- Horkheimer, M. (2015). *Eclipse da razão*. Editora Unesp.
- Jensen, D. (2016). *The myth of human supremacy*. Seven Stories Press.
- Jonas. H. (2006). *O princípio responsabilidade*. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Contraponto; PUC-Rio.
- Kerester, A. (2013) 'My summer at ACE: Discovering the REAL potential of gen Y', The ACE Blog. *Alliance for Climate Education*, August 29. Disponível em <https://acespace.org/blog/my-summer-ace-discovering-real-potential-gen-y>.
- Kretser, J., & Griffin, E. (2020). Taking back our future: Empowering youth through climate summits. In J. Henderson and A. Drewes (Eds.), *Teaching climate change in the United States* (pp. 143-152). Routledge.
- Leff, E. (2001). *Saber ambiental. Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Vozes.
- Lewis, S. L., & Maslin, M. A. (2015). Defining the anthropocene. *Nature*, 519 (7542), 171-180.
- Lipovetsky, G. (2005). *A era do vazio. Ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Manole.
- Lysgaard, J., Bengtsson, S. & Laugesen, M. (2019). *Dark pedagogy: Education, horror and the Anthropocene*. Palgrave MacMillan.
- Martusewicz, R. (2019). *A pedagogy of responsibility: Wendell Berry for ecojustice education*. Routledge.
- Nietzsche, F. (2012). *A gaia ciência*. Companhia das Letras.
- Oliveira, J; Borges, W. (2008). *Ética de gaia: ensaios de ética socioambiental*. Paulus.
- O'Sullivan, E. (2004) *Aprendizagem transformadora. Uma visão educacional para o século XXI*. Cortez; Instituto Paulo Freire.
- Reis, G., & Scott, J. (Eds.) (2018). *International perspectives on the theory and practice of environmental education: A reader*. Springer.
- Reis, G., Mueller, M., Gisewhite, R., Siveres, L., & Brito, R. (Eds.). (2018). *Sociocultural perspectives on youth ethical consumerism*. Springer.
- Sagoff, M. (1997). Do we consume too much? *The Atlantic Monthly*, 279(6), 80-96.
- Siveres, L. (2010). Sustentabilidade educacional. *Revista de educação ANEC*, 39 (152), 45-57.
- Van Der Sluijs, J.P. & Vaage, N.S. (2016). Pollinators and global food security: The need for holistic global stewardship. *Food ethics*, 1(1), 75-91.
- Weber, M. (2004). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Martin Claret.

Luiz Síveres

Universidade Católica de Brasília - BR
E-mail: luiz.siveres@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4735-6066>

Giuliano Reis

Universidade de Uottawa- CA
E-mail: Giuliano.Reis@uottawa.ca
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4831-5485>

Angela Arndt

A esperança nos anima
a prestar uma homenagem à Dra. Angela Arndt,
que participou da construção deste capítulo,
porém a sua vida terrestre
finalizou no dia 04 de dezembro de 2020.

Correspondência

Dr. Luiz Síveres
SMPW – Qd 4, Cj 2, Lt 3, Cs 4
71.735-402 – Brasília – DF.

Data de submissão: Dezembro 2020

Data de avaliação: Março 2021

Data de publicação: Setembro 2021